

FILOSOFIA DAS PLANTAS¹

(ou Pensamento Vegetal)

Andrzej Marzec

Tradução de Cátia Sá

Revisão de Dinis Lapa

“As coisas têm as suas raízes”

Confúcio

Desde os seus primórdios, o pensamento é vegetal. No seu tratado *Sobre a Alma*, Aristóteles escreve sobre a alma das plantas, responsável pelo crescimento e desenvolvimento dos seus corpos. Depois disso, as plantas foram esquecidas durante muitos séculos: é fácil ignorar aquilo que “vegeta”, ou, por outras palavras, aquilo que leva uma existência monótona. No entanto, na vida (extra)ordinária da filosofia, as plantas continuam a aparecer como metáforas. O conceito filosófico de “substância”, por exemplo, pode ser referido como “essência”², e os argumentos filosóficos têm por base ou estão “enraizados” em qualquer coisa. Os

¹ [Nota da Tradutora] Agradecemos ao autor a autorização para a publicação deste texto, publicado na revista Czaskultury e disponível aqui: <http://czaskultury.pl/en/vegetal-philosophy-or-vegetable-thinking/>. Esta tradução foi feita a partir da tradução para o inglês, feita por Małgorzata Olsza.

² [N.T.] Na tradução inglesa deste artigo a palavra usada é “ground” que se pode traduzir por solo, terra, chão. Etimologicamente a palavra “substância” é *o que está sob*, próxima do termo em inglês. O conceito equivalente em português, “essência”, também se familiariza com as plantas, é a sua qualidade predominante ou virtual e extraível.

pensadores devem deixar de estar “full of beans”,³ ainda que isto seja comum, pelo que esta expressão até pode ser considerada canónica. Enfim, a filosofia em si, nos seus vários ramos (ontologia, epistemologia, ou ética) é “cultivada” até fazer brotar os tão esperados “frutos”. O próprio conceito de cultura, hoje bastante corriqueiro, significava, na sua origem, o cultivo de plantas ou da moral. É preciso restaurar o lugar legítimo das plantas na filosofia. Na verdade, faz sentido discutir e escrever sobre pensar como vegetal: partindo da ditadura da raiz principal, passando pelas classificações clássicas sistemáticas, até chegar, por fim, aos húmidos, rastejantes e rizomáticos neoplasmas dos pensamentos.

A raiz do problema

A ideia de pensamento estruturado como uma raiz principal tem sido cultivada desde há séculos e está muito bem fundamentada na filosofia.⁴ A raiz principal é constituída por uma raiz primária que cresce directamente para baixo, e por raízes secundárias mais pequenas e finas que crescem para os lados. Este tipo de pensamento é sempre simétrico e polar. Prospera segundo oposições: existência/inexistência, racional/irracional, macho/fêmea, espiritual/físico, etc. A raiz tem também a sua imagem especular: a árvore. A árvore alta e poderosa apenas aparentemente é o oposto de uma raiz debaixo da terra, visto que partilham o mesmo caroço metafísico (o núcleo duro). Este caroço metafísico é a base, a fundação, o centro em torno do qual se acumulam e se desenvolvem novos tecidos do pensamento vegetal. O caroço que as une é um princípio que torna possível a despótica e inseparável unidade interna entre oposições binárias – raiz e árvore. Um filósofo perito em raiz principal confirma este fenómeno. O seu

³ [N.T.] A expressão “full of beans” pode traduzir-se como “deixar-se de tretas”. A expressão em português carece de uma referência vegetal que nos parece ser importante para elucidar o argumento do texto daí termos mantido a original sem tradução.

⁴ Refiro-me aqui à taxonomia das plantas desenvolvida por G. Deleuze e F. Guattari (in:) *A Thousand Plateaus*, trans. Brian Massumi, Londres e Nova Iorque 2004, pp. 3–28. Ver também: G. Deleuze e F. Guattari, *Capitalisme e Schizophrenie II. Mille Plateaux*, Paris 1980.

passatempo preferido é a redução: elimina a multiplicidade até chegar ao básico, elementos simples e claros que dão uma certeza absoluta (de si mesmo e do mundo). Olha para uma árvore como se fosse um lenhador cujo maior gozo é cortá-la. Empunhando o machado da lógica, com o fim de alcançar uma erecção, faz a poda de todos os ramos imperfeitos e desnecessários. É assim que um pensador orgulhoso cria uma árvore lógica: um tronco protuberante, grosso, duro e lenhoso (um falo carregado de significado) que não possa ser derrubado. Se procurássemos na natureza a homóloga de uma árvore assim seria a baobá.

O vento nas árvores

Ao observar-se as copas das árvores balançando e sussurrando com o vento e a exuberância dos ramos e folhas que dão abrigo a tantas espécies animais, é fácil ficar-se fascinado com a sua beleza e diversidade. Impressionados com a dança destas formas verdes e brilhantes, esquecemo-nos do caroço, fundação que torna possível esta multiplicidade. Um filósofo que poda os ramos em excesso da árvore-pensamento não a mata; pelo contrário, realça a sua essência e a unidade oculta do tronco falocêntrico.⁵ Desta forma, um emaranhado de ramos que transportam na sua seiva a memória da raiz, a genealogia da sua madeira, é reduzido ao tronco. Na verdade, cada ramo é uma extensão e reflexo do tronco: tudo numa árvore pode ser reduzido ao tronco.

É por isso que é tão difícil destruir e derrubar a árvore. É como uma hidra: nascem duas cabeças no lugar de uma que seja decepada. O pluralismo na árvore é alcançado pela lenta e contínua reprodução da mesma sensação de rigidez da madeira. Confiar na legitimidade de apenas uma interpretação, explicação ou conceito implica uma criação anti-concepcional (infértil). Apenas se copia a dureza da madeira, o ideal. E isto não se concilia com a multiplicidade de conceitos frescos, suaves e audazes cujo crescimento é impedido pelo tronco. Todos os

⁵ Jaques Derrida cunhou o termo “falocentrismo” para criticar as premissas metafísicas da psicanálise laciana.

ramos heréticos e subversivos definham, rejeitados pela árvore por serem perigosos, ou são removidos pelo lenhador por incompatibilidade com a ortodoxia. Quando estes ramos são cortados do tronco formam-se nós, os pontos mais duros do tronco. São as chamadas *aporias*, disputas filosóficas, contradições que nunca foram resolvidas nem incorporadas na coerência do tronco. As folhas são o único elemento dionisíaco na estrutura apolínea da árvore. Situam-se na ponta dos galhos, tendo, portanto pouco contacto com a madeira. Daí a susceptibilidade de serem arremessados para lá e para cá e degenerarem. As folhas estão cheias de movimento e ambiguidade, sobretudo quando o vento lhes sopra. Quando as folhas caem, caducam e perdem completamente o contacto com a árvore, fermentam e apodrecem passado algum tempo. Passam então a fazer parte de um pensamento inquieto completamente diferente. A florescência, a queda das folhas e a vida dos animais nas árvores são cíclicas e impermanentes. Vão com o vento. A árvore, por outro lado, permanece inalterada – ela É. Não é possível ser-se-lhe indiferente pois a sua duração obscena exige que se use o verbo “ser”, lançando assim as bases para toda a metafísica.

Pensamento fixo

O pensamento-árvore é uma estrutura respeitável, lânguida e, acima de tudo, fixa. Está firmemente enraizado, ancorado à essência (substância) que o sustenta. É semelhante ao aparelho de Estado, na medida em que é hostil a motins, agitação e mudança. O pensamento-árvore verga-se sob o peso dos seus frutos e emana a atmosfera de uma existência pesada e sufocante. Certo é que o pensamento-árvore tem de carregar os frutos, nunca é abnegado e improdutivo. É, no entanto, teleológico: está sujeito ao objectivo que persegue. Daí não ser possível falar-se de uma paralisação completa, visto que esta categoria de pensamento caracteriza-se por dois tipos de movimentos mínimos, muito lentos e simétricos. O primeiro é o fototropismo: movimento em direcção à luz do sol, à excelência e à fonte de vida do pensamento congelado em ideias. É um

movimento determinado pelo sol, um dos polos do pensamento e o valor absoluto das plantas. A luz do sol, associada à racionalidade, divindade ou ao superego, atrai as plantas e amplia a estrutura da raiz principal da árvore. Este género de pensamento, imerso em culpa, está cheio de desejo de liberdade, salvação e libertação daquilo que é material, corporal, impuro e imperfeito.

O segundo género de movimento simétrico do pensamento-árvore é o geotropismo. É o crescimento constante da raiz na direcção descendente, em resposta à força da gravidade. Embora o seu direccionamento seja oposto ao movimento fototrópico, o facto é que se trata de uma imagem espelhada do mesmo desejo. Um constante movimento descendente reflecte um desejo de profundidade e decorre de uma insatisfação com um solo pouco profundo ou empobrecido. A raiz procura algo saudável, perfeito e verdadeiro. Esta busca é ditada por um anseio de escapar à mediocridade e um desejo de alcançar a singularidade. O único problema é que as árvores nunca querem permanecer apenas árvores. Como se a possibilidade de se moverem para cima e para baixo lhes desse a hipótese de se tornarem algo melhor, maior e mais belo. No entanto, no dia da sua morte, uma árvore nunca é nada mais além do que apenas uma árvore. Fototropismo e geotropismo são a essência da existência de tal planta: o movimento ascendente confere-lhe um sentido de perfeição e o movimento descendente confere-lhe um sentido de propósito. Assim, o pensamento torna-se limitado. As linhas de demarcação são delineadas: os polos para além dos quais ninguém se pode aventurar. A força de gravidade e o sol traçam o território, definem o enquadramento, marcam o mapa com pontos de partida e de chegada. Pensar torna-se, assim, uma rotina, um ritual obsoleto, porque precisamos apenas de seguir um percurso já explorado – qualquer desvio implica afastarmo-nos do território bem demarcado.

Hier-arquia⁶

A expressão “a coroa das árvores” ou “o reino das plantas” sugere que o pensamento de raiz principal tem tudo a ver com poder, autoridade e domínio. O pensamento-árvore é uma estrutura forte baseada no domínio perante a subordinação de outros conceitos-radículas e conceitos-galhos secundários. Consequentemente, as plantas crescem em enredos: o sistema de castas e hierarquia fundam-se no acesso ao sol e em raízes fortes e profundas. Na verdade, a competição entre os sistemas das plantas baseia-se na violência e na força. Só as árvores conseguiram gerar uma narrativa tão imponente, um sistema de raízes principais tão consistente e poderoso que lhes permite dominar permanentemente as outras plantas. A sua altura imponente estigmatizou as plantas de sombra, oprimidas por ficarem privadas da luz do sol. E o seu desejo de profundidade marginalizou as plantas com sistemas de raízes fracos por não conseguirem superar a ditadura das árvores. Em resultado disto, estabeleceu-se uma cisão inquestionável entre plantas superiores (fortes) e plantas inferiores, humilhadas devido ao tamanho reduzido. Isto, por sua vez, levou a que o subjugado se fortalecesse, formando uma identidade resistente. O mundo das plantas dividiu-se entre as espécies que têm um núcleo (falo) duro e aquelas que sofrem com a sua inexistência e que o desejam muito. O pensamento de tipo raiz-de-árvore vibra em torno de um princípio fundamental (*arche*) e estabelece a hierarquia existente. Estas condutas estão associadas de forma inerente à origem da violência, da exclusão e do dogmatismo.

Botânica

A botânica foi criada com base no pensamento-árvore. Interessa-se sobretudo pela separação, segregação, determinação e isolamento dos sujeitos

⁶ Hierarquia (do grego ιερος [hieros] – sagrado / αρχη [arkho] – regra).

dominantes. Alegando ser uma disciplina “absoluta”, que abarca todas as plantas, a botânica começou por sistematizar e classificar a flora. Enquanto viveram no seu *habitat* natural, os organismos conseguiram escapar aos conceitos pelos quais a ciência os quis definir. Para levar a sua avante, a botânica petrificou os pensamentos selvagens das plantas, aprofundou as linhas de demarcação já delineadas, e dividiu as plantas em espécies-modelo e desvios da norma. A história da filosofia vegetal, que confinou as plantas ao herbário, tornou-se a coroação do pensamento de raiz principal. Trancadas, mortas, presas entre as páginas, as plantas estão hoje incapazes de comover quem quer que seja e apenas ganham pó nas vitrines. O pensamento vegetal, nascido da “árvore do conhecimento”, chegou ao seu fim. Os grandes ramos apodrecidos caem num ápice. Acompanhemos o seu trajecto até ao chão e examinemos os lugares mais rasteiros da flora.

Rizoma alternativo

O rizoma é uma estrutura de pensamento inteiramente alternativa e bizarra. O rizoma tende a crescer na horizontal, imediatamente abaixo ou acima do solo, criando estolhos. É impossível classificar, orientar ou intervir no seu crescimento. O rizoma não tem um princípio ou um fim, carece de qualquer eixo de indexação ou de simetria. É caracterizado por um intervalo sem significado. O rizoma pode quebrar-se num ponto e reconectar-se por completo sem perder o seu sentido, porque em vez de ter um sentido ele produ-lo. O rizoma tem memória curta. Ele convive com a própria amnésia porque não há ninguém a quem se possa queixar. É caracterizado pela anti-genealogia: gera múltiplas versões dos acontecimentos, muitas vezes contraditórias, e favorece a liberdade e o acaso. Este pensamento não reproduz nada porque não tem matriz, padrões, autoridades, directrizes de interpretações ou um núcleo. Assim, continua a ser o pensamento mais criativo e conceptual – cresce a um ritmo avassalador em variação, expansão,

captura, injeção e neoplasma. Ao contrário da meta-narrativa⁷ da raiz-árvore, não procura o clímax. O rizoma é um enredo orgiástico, uma região de intensidade constante que vibra continuamente em si mesma nos espasmos da transgressão. É um discurso mundano, superficial, pegajoso e húmido, ciente do seu próprio lugar e que não o quer mudar. A maioria dos filósofos-cultivadores-de-fruto consideram-no sujo, indesejável, algo de que nos devemos livrar num pomar (abjecto).⁸

Um bando de ratos a multiplicarem-se e a guinchar pode suscitar uma repugnância semelhante. Outros exemplos de rizomas são as tocas de animais com várias entradas e saídas, as formigas omnipresentes, a grama quase irremovível, e os matagais de ervas e daninhas impossíveis de penetrar. De qualquer forma, o rizoma não existe cingido dentro de uma espécie única e homogênea. As plantas formam-no com o vento, os animais com os seres humanos, e os seres humanos desenvolvem-no com os vírus (através da transferência horizontal de genes),⁹ o que, por sua vez, nos permite conectar com outras espécies.

Hetero ou homogeneidade?

A estrutura do rizoma não tem um núcleo, um centro que possa ser responsável pela organização do todo. É uma multiplicidade, uma multiplicidade que não pode ser reduzida à unidade. É, também, um discurso que rapidamente se transforma e prolifera. Daí ser tão difícil desenvolver um sistema padronizado que não se torne imediatamente obsoleto. A narrativa imponente das árvores baseou-se na separação e pureza das espécies (apesar do cruzamento das árvores de fruto ser permitido). A essência deste tipo de pluralismo era de que a multiplicidade teria de ser organizada à volta do mesmo núcleo: o tronco. Daí a grande variedade de árvores como o carvalho, a forsítia, a amoreira, o choupo, o olmo e similares. O

⁷ Ver J. F. Lyotard, *The Postmodern Condition*, Minneapolis, 1984.

⁸ Ver J. Kristeva, *Powers of Horror: An Essay on Abjection*, Nova Iorque, 1980.

⁹ A transferência de genes de um organismo para outro quando o primeiro organismo não é o progenitor do segundo.

pensamento-rizoma caracteriza-se por uma completa arbitrariedade que se deve à falta de um princípio organizador (basilar) que monitorizaria as espécies consagradas à existência e aquelas condenadas ao esquecimento. Todas as partes do rizoma podem combinar-se umas com as outras a qualquer momento, e isto significa que não podemos falar de categorias como identidade, subjectividade ou representação. Torna-se difícil isolar alguma coisa que possa irromper do mato e nomear-se a si própria como: “Eu”. Tudo é infundado, informe, aleatório, arbitrário e extremamente temporário, pois não há como encontrar, nem procurar, uma justificação para a sua duração. Um emaranhado em mutação, um bando de ratos, repleto de bocas salivantes e caudas pálidas contorcendo-se: não há nenhum indivíduo aqui. O rizoma está sempre rodeado por outras coisas, está entre, e isso tem de ser tido em consideração. O pluralismo toma aqui a forma de um cruzamento interespecífico onde não se consegue distinguir entre um ácer e a relva. Existe somente a relva-ácer, o rato-carvalho e a formiga-faia. Podemos observar na natureza um tipo de intimidade orgânica que é o exemplo perfeito das relações em rizoma. É o mutualismo: ambas as espécies estão de tal forma dependentes uma da outra que, em caso de separação, não conseguem sobreviver. Um exemplo de mutualismo é o misterioso pacto de inseparabilidade (apego) entre os fungos e as algas. Os sistemáticos das plantas chamam-lhes líquenes – um terceiro género (hermafrodita) – por não conseguirem lidar com organismos estranhos (*queer*).¹⁰ Ninguém conhece as regras, as fronteiras ou a solução segundo a qual se combinam as partes individuais do rizoma. Em vez de um sistema, observamos uma deliberação e uma vontade de criatividade sem restrições. Porque, ao contrário da raiz, a radícula nunca diz “eu sou”, mas sim “eu quero”.

¹⁰ Ver J. Butler, *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, Nova Iorque e Londres, 1990.

Nomadismo

Ao contrário do pensamento fixo, o rizoma é uma planta muito irrequieta. Como tal, está destituída da languidez muitas vezes associada à seriedade. Os seus movimentos assemelham-se aos passos ligeiros de uma criança despreocupada que não se importa com as cercas, não respeita a propriedade alheia, e não usa mapas mas vai deixando inúmeros vestígios pelo caminho. Em resultado, os neoplasmas rizomáticos, sem identidade fixa, estável e madura, minam, desmontam e deslocam estruturas monumentais. Os seus movimentos não estão domesticados. Deslizam, balançam, brincam e pulam como campos de milho a dançar ao vento. Os troncos das árvores nunca poderiam mover-se assim. O rizoma está numa confusão intelectual contínua, numa desordem, num tumulto, e os seus esforços não têm uma causa ou um objectivo explícitos. O pensamento-rizoma é nómada. Começa em lugar nenhum. Localiza-se no *intermezzo*, em constante transição entre dois pontos. Não se consegue prever o seu desenvolvimento, e os vestígios que deixa no caminho desaparecem passado algum tempo. Um nómada não é um colono. Ele fixa-se por um breve período para voltar a partir. Deste modo, não constrói uma visão abrangente do mundo, cria apenas ordens temporárias. Semelhante a uma miragem que dura um breve instante para depois rebentar como uma bola de sabão. Não há pontos de referência neste percurso, tudo o que encontra ao longo do caminho é accidental, casual e não planeado. Por isso, o nómada não reivindica nenhum território – não deseja traçar pontos, fronteiras ou rotas. Não constrói bases nem sistemas. Não firma nem reforça nada. Não tem nada para o qual regressar, e assim está determinado a seguir em frente. Cria para si próprio um espaço líquido de vir a ser e delicia-se com a arte do desaparecimento. É semelhante às forças de guerrilha que se dispersam num território sem o dividirem entre si, fluem apenas para desaparecerem no horizonte. Este movimento de desterritorialização implica abandonar o território. A terra fica por ocupar, ao passo que o nómada segue o seu caminho, em luta por independência de um propósito, regra ou *logos*.

O rizoma, em constante movimento, não tem um território fixo e se decidimos ficar parados o certo é que ele nos vai deixar.

Pensamento fraco

O pensamento que se tornou descentralizado, destituído do seu centro de gravidade, do seu ponto de Arquimedes, do seu núcleo duro, está praticamente condenado à fraqueza e, até, à instabilidade. Contudo, o rizoma permite-o já que não tem nada que o proteja do perigo. Uma vez que este tipo de pensamento não é consistente, não é ameaçado pela inconsistência. Uma vez que é frívolo e superficial, não receia a simplificação excessiva. O rizoma não carrega sentidos, liberta-os e lança-os para fora de si, e, portanto, não tem medo que alguém os leve. O rizoma deve ser fraco porque aí ninguém é capaz de pôr em causa a sua identidade, equilíbrio ou dignidade. O pensamento-árvore elevado não consegue humilhar o rizoma porque este é, em si mesmo, medíocre. Graças à sua fragilidade, repele os juízos importantes e maravilhosos que o pensamento, aquele que se afirma rígido e forte, tem de enfrentar. O pensamento-rizoma está fora do ringue onde só o poder e a consistência das proposições lógicas importam. Ninguém o pode refutar, contestar ou derrubar por uma simples razão: o pensamento-rizoma não tem um objecto, uma essência, uma ideia ou uma asseveração que possa perder num combate. No rizoma, a questão do “quem” é logo à partida falaciosa e não tem nenhuma resposta. O rizoma é uma grande mistura, uma multidão de excluídos com identidades líquidas – tão suaves e flexíveis que se adaptam perfeitamente a qualquer tipo de substrato. O rizoma desliza sobre a superfície para entrançar-se, arrastar-se, e enrolar-se nas normas canónicas existentes até as absorver na sua rede complexa. É como grama que cresce por todo o lado e entra em qualquer estrutura lenhosa. As espigas balançam ao vento: não resistem à sua força, mas, unidas ao vento, formam uma onda espectacular e bela. O rizoma é impermanente, mas mostra que é invencível. Classificado como fraco, está para além de quaisquer classificações. Por outro lado, o poder, a hegemonia, a ditadura e a ortodoxia estão fundados em oposições indesejadas que eles anseiam poder vencer. Na sua fragilidade, o rizoma está mais próximo do verbo “não ser” do que do “ser”; oscila entre a criação contínua e o niilismo. Ao olhar para este problema pelo prisma das oposições binárias, um filósofo clássico levantaria a derradeira questão: o que seria do rizoma sem as árvores às quais se enrola? Será possível o

rizoma existir sem árvores? Perguntas simétricas não têm uma resposta definitiva e pode-se pensar interminavelmente em como responder. Estas questões prosperam nas tensões que surgem quando a resposta certa fica suspensa entre dois polos. Os rizomas não estão interessados nas árvores; enrolam-se e penetram-nas só porque as árvores estão no seu caminho. Quando o tronco desaparece sob a verdura do emaranhado rizomático, deixamos de distinguir se estamos a lidar com a árvore ou com o rizoma. Verificamos que é o rizoma ou uma ilusão da árvore. A combinação, a fusão num só, tem um poder extraordinário para revogar sentidos: o original, a fonte, não existe mais e o que resta são cópias.¹¹ Deste modo, não só o rizoma cobre a árvore, como no conto de Borges no qual um mapa cobre um império inteiro, mas também a árvore se torna rizoma. É por isso que deixamos de procurá-la por debaixo de um enredo de pequenas raízes. Estamos cansados da árvore porque a nossa cultura se fundou nela. Se procuramos um objectivo, algum tipo de apoio, um lugar caloroso e confortável, uma trilha batida e já explorada, é melhor voltarmos para o pensamento fixo. Para onde vamos? De onde viemos? Para onde foi a árvore? Tais perguntas são completamente inúteis.



Este é o Caderno de Leituras n.46, publicado em junho de 2016. Outras publicações disponíveis em www.chaodafeira.com

"Este Caderno de Leituras foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Fundação Municipal de Cultura."

¹¹ Ver J. Baudrillard, *Simulacra and Simulation*, Minneapolis, 1981.